

Após 16 anos, pré-sal ainda impacta comunidades

Estudo da Fiocruz revela perdas e danos não previstos inicialmente

Ricardo Stuckert/PR

Por Isabel Dourado

Impactos

Em 2006, durante o último ano do seu primeiro mandato, o presidente Lula visitou a plataforma P-50 de petróleo na Bacia de Campos, no estado do Rio de Janeiro, onde foi fotografado com as mãos encharcadas de petróleo. A imagem que se tornou bastante famosa capturou o período em que o país se preparava para explorar as novas riquezas, particularmente as do pré-sal e assim se tornar autossuficiente na produção de petróleo e gás natural.

A exploração do pré-sal, iniciada há cerca de 16 anos, se estende por cerca de 800 quilômetros de comprimento e 200 quilômetros de largura, abrangendo a região entre os estados do Espírito Santo e Santa Catarina. Agora, discute-se a sua ampliação para o norte do país, chegando à foz do rio Amazonas.

Ao longo de três etapas de perfuração e extração, a exploração do pré-sal causou mudanças consideráveis no ambiente natural e trouxe impactos que se refletem nas comunidades locais, muitas vezes de maneira invisível, mas com consequências palpáveis para a saúde e para a organização social das populações que dependem dos ecossistemas costeiros.

Para medir os impactos da exploração do Pré-Sal, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT), por meio do Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS), produziram o Relatório de Perdas e Danos da Cadeia do Petróleo e Gás do Pré-Sal em Comunidades Tradicionais do Litoral Sul Fluminense e Norte Paulista. Os pesquisadores entrevistaram caiçaras, quilombolas e indígenas que vivem nas regiões de Mangaratiba e São Sebastião. O Correio da Manhã teve acesso ao relatório.

Com os resultados das entrevistas, análise dos dados, reuniões e mapeamento participativo, foram identificados 25 novos impactos que não tinham sido previstos pelo Estudo de Impacto Ambiental (EIA) no momento em que o licenciamento do pré-sal foi estabelecido. Além disso, o levantamento propõe 14 recomendações para melhorar o processo de licenciamento e proteger os territórios tradicionais afetados pela exploração.

O objetivo da pesquisa, que durou cinco anos, foi identificar os impactos segundo a perspectiva do território, com-



Lula e o pré-sal: exploração tem impactos nas comunidades mais carentes

parar com a situação apontada inicialmente e propor ajustes no processo de licenciamento ambiental no Brasil.

Crise climática

Fabiana Miranda, coordenadora de Gestão Territorial do OTSS e coordenadora do Grupo de Trabalho de Perdas e Danos, explica que o levantamento é apresentado como uma ferramenta para influen-

ciar mudanças na estrutura do licenciamento ambiental.

Os entrevistados relataram aumento no tráfego de navios, presença de petróleo nos ecossistemas costeiros, diminuição de peixes para a pesca, aumento de doenças hídricas, perda de autonomia dos povos tradicionais sobre o território e diversos danos psicossociais, entre outros impactos.

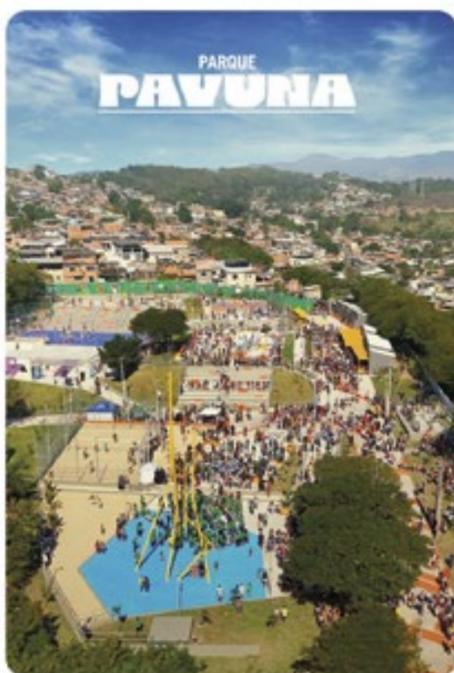
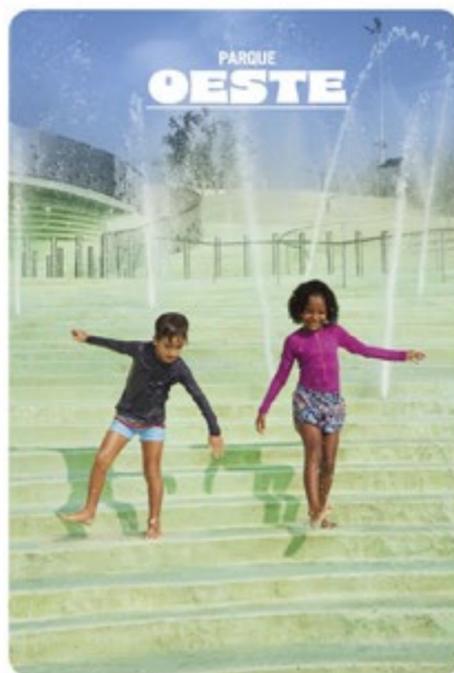
Nos estudos técnicos, são identificadas três categorias de impacto ambiental: físicos (como alterações no solo, água, ar), bióticos (que envolvem plantas, animais) e socioeconômicos (que afetam o modo de vida das pessoas), além de considerar os aspectos de cumulatividade (a soma de vários impactos em uma mesma área).

Com base no estudo, são propostas cinco novas cate-

gorias de impacto: culturais; econômicas e sobre o bem-estar material; institucionais, legais, políticos e de igualdade; sobre a qualidade do ambiente habitado e o bem-viver; e sobre a saúde e o bem-estar das pessoas afetadas pelo empreendimento.

Fabiana Miranda destaca que as comunidades tradicionais têm o direito de ter suas perdas e danos identificados.

PARQUES DO RIO



ONDE TEM MAIS PARQUE, TEM MAIS VIDA.

Os novos parques do Rio estão mudando a vida de muitos cariocas. Realengo, Pavuna, Oeste, Rita Lee, sem falar no primeirão de todos, o Parque Madureira. É mais verde, mais lazer e segurança para as famílias curtirem pertinho de casa. É também preservação ambiental e ocupação de espaços vazios.

Um exemplo de sucesso que pode se espalhar por todo o Brasil e que tem deixado a nossa cidade mais maravilhosa.

SAIBA MAIS



PREFEITURA RIO